



#### Encenação e Espaço Cénico

**David Carvalho** – Licenciado em Teatro – Ramo de Actores pela Escola Superior de Teatro e Cinema (Lisboa), frequentou o Curso de Pós-Graduação em Teatro no Instituto de Estudos Teatrais da Universidade de Sorbonne Nouvelle, Paris III, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian. Em Paris frequentou Seminários e Ateliers no Centre Georges Pompidou e Centre National de Recherche Scientifique sob orientação de Georges Bannu, Peter Brook, Denis Bablet e Theatre Cricot de Varsóvia de Tadeusz Kantor. Foi Director Artístico do Teatro de Ensaio Transmontano na década de 80, Director do Centro Cultural Regional de Vila Real, entre 1986 e 1991. Foi docente em várias instituições de ensino superior, e actualmente é Doutorando em Ciências da Cultura da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Elemento fundador da Filandorra – Teatro do Nordeste em 1986, onde desempenha as funções de Director Artístico e Encenador permanente.

#### Assistente de Encenação

**Bibiana Mota** Frequentou a Academia Contemporânea do Espectáculo do Porto, e o Curso de Representação da Act in Models do Porto. Frequentou a Licenciatura de Teatro e Artes Performativas da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em paralelo com o trabalho de actriz na Filandorra, tendo participado nos espectáculos *Pranto de Maria Parda*, *Contas Nordestinas*, *Falar Verdade a Mentir*, *Esganarelo*, *À Manhã*, *Tio Vânia*, entre outros. Actualmente integra o elenco das peças *A Menina do Mar*, *Auto da Índia*, *Auto da Barca do Inferno* e *História de Uma Boneca Abandonada*.

#### ACTORES

**Débora Ribeiro** Frequentou a Escola Profissional Balletteatro, e possui a Licenciatura em Teatro- Interpretação da Escola Superior de Músicas e das Artes do Espectáculo no Porto. Trabalhou com vários encenadores como Roberto Merino, Nuno Carinhas, entre outros. Inicia a sua actividade na Filandorra em 2011, participando como actriz nos espectáculos *Pranto de Maria Parda*, *À Manhã* e *Tio Vânia*. Actualmente integra o elenco das peças *A Menina do Mar*, *Auto da Índia*, *Auto da Barca do Inferno*, *História de Uma Boneca Abandonada*, entre outras.

**Helena Vital** Frequentou o Curso de Formação de Atores “Actor conhece o teu corpo”, ministrado por Vera Keel na Fundação Calouste Gulbenkian. Trabalhou com os encenadores Castro Guedes, Jacinto Ramos, Mário Barradas e Pompéu José no TET - Teatro de Ensaio Transmontano. Inicia a sua actividade na Filandorra em 1992 onde participou nos seguintes espectáculos: *Pranto de Maria Parda*, *Contas Nordestinas*, *Farsa de Inês Pereira* (com encenação de Castro Guedes), *Falar Verdade a Mentir*, *O Teatro Cómico* (com encenação de Filipe Crawford), *O Burguês Fidalgo* (com encenação de William Gavião), *À Manhã* e *Tio Vânia*, entre outros. Actualmente integra o elenco das peças *A Menina do Mar*, *Auto da Índia*, *Auto da Barca do Inferno* e *História de Uma Boneca Abandonada*.

**Bruno Pizarro** Iniciou a sua actividade na Filandorra - Teatro do Nordeste em 1995, participando como actor, entre outras, nas seguintes produções: *Pranto de Maria Parda*, *História de uma Boneca Abandonada*, *Contas Nordestinas*, *Terra Firme*, *O Teatro Cómico* (com encenação de Filipe Crawford), *O Burguês Fidalgo* (com encenação de William Gavião), *Bodas de Sangue*, *Esganarelo* e *Tio Vânia*. Actualmente integra o elenco das peças *A Menina do Mar*, *Auto da Índia*, *Auto da Barca do Inferno* e *História de Uma Boneca Abandonada*.

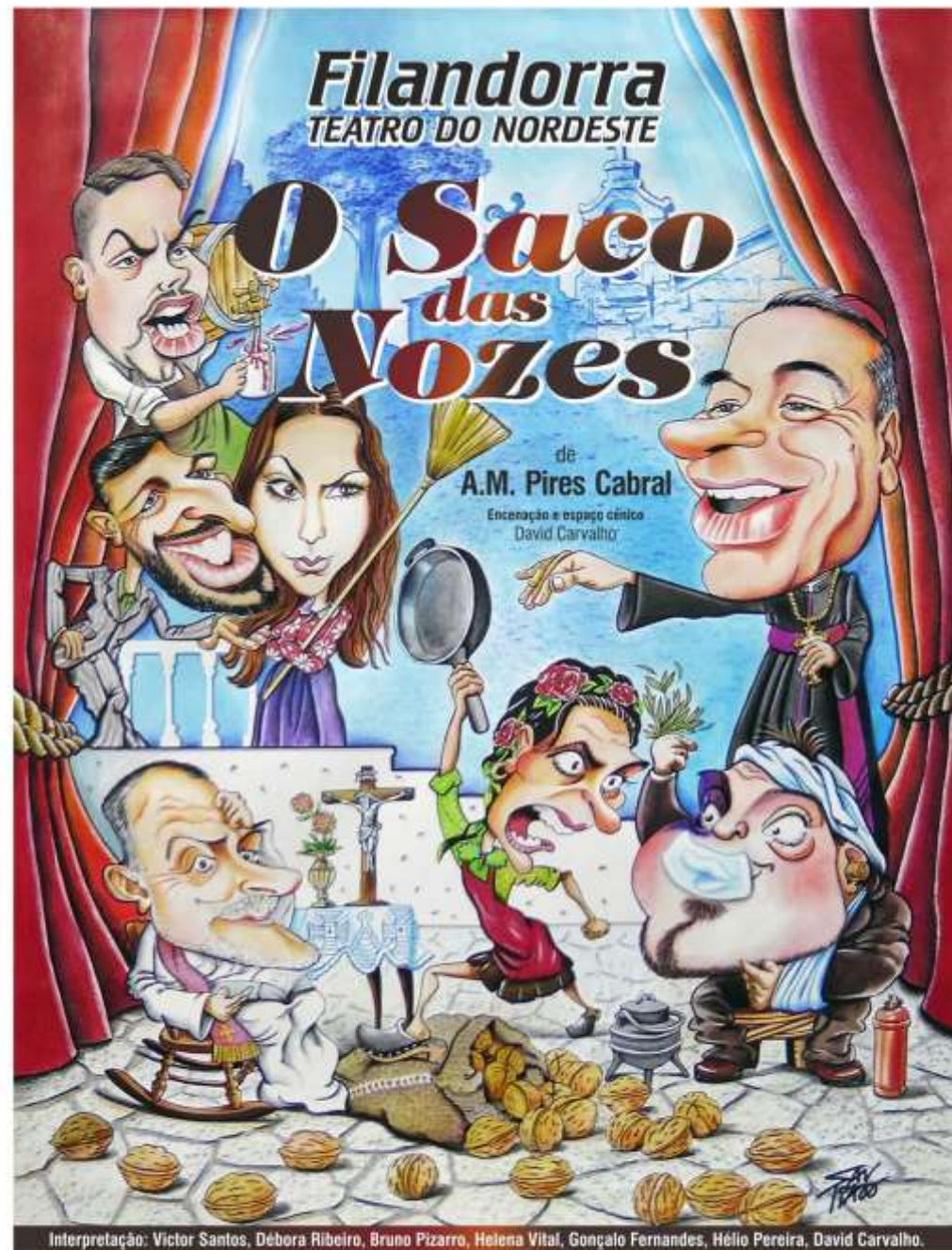
**Gonçalo Fernandes** Frequentou o Curso Profissional de Interpretação do Colégio Externato Delfim Ferreira de Vila Nova de Famalicão, onde trabalhou com os encenadores João Cardoso, Emília Silvestre e Jorge Pinto. Finalista da Licenciatura em Teatro e Artes Performativas da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro no âmbito da qual trabalhou com os encenadores Filipe Crawford e Marcantónio Del Carlo, entre outros. No âmbito da Unidade Curricular Estágio Artístico ingressa na Filandorra ao abrigo da parceria entre a Companhia e a Universidade, para o seu primeiro trabalho numa estrutura profissional com o espectáculo *O Saco das Nozes*.

**Hélio Pereira** Desde 2008 que a sua experiência profissional está intimamente ligada ao teatro, tendo trabalhado como actor e músico no grupo *Ao cabo teatro*, onde trabalhou com os encenadores Nuno Cardoso e Victor Hugo Pontes, e na Companhia *Contos na nossa Língua* com o encenador Vasco Otero. Frequentou aulas de produção e técnica musical com Luís Barros, Director Técnico do Coliseu do Porto. Ingressa na Filandorra em 2013, onde integra o elenco dos espectáculos *Auto da Barca do Inferno*, *Auto da Índia* e *História de Uma Boneca Abandonada*.

**Victor Santos** Licenciado em Teatro e Artes Performativas pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Participou como actor em vários espectáculos no Teatro Experimental de Cascais (TEC), e no Teatro Ibérico. Integraram as produções da R.T.P./Lisboa “Reflexos: Dr. João Araújo Correia” e “Erros meus, má fortuna, amor ardente”. Entre 2010 e 2014 foi Director do Curso de Artes do Espetáculo – Interpretação da Escola Profissional de Lamego. É colaborador permanente da Companhia, integrando o elenco dos espectáculos *Auto da Índia* e *Auto da Barca do Inferno*. Actualmente frequenta o Mestrado em Ensino do Teatro na UTAD.

#### LUZ E SOM

**Pedro Carlos** Músico, Compositor e Produtor Musical, é Licenciado em Música Electrónica e Produção Musical pela Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco. Elaborou várias peças musicais para contextos variados incluindo teatro e cinema bem como vários projectos em nome próprio no âmbito da música electrónica. Frequentou o Mestrado em Multimédia, Música Interactiva e Design de Som na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Actualmente integra a Filandorra na área de Luz, Som e Multimédia.



27 JULHO | MONTALEGRE



# Filandorra – Teatro do Nordeste

apresenta

## O Saco das Nozes

de  
A.M. Pires Cabral

Espectáculo de homenagem ao autor

Distribuição por ordem de entrada em cena

|          |                   |
|----------|-------------------|
| Padre    | Victor Santos     |
| Cremilde | Débora Ribeiro    |
| Lucas    | Bruno Pizarro     |
| Sara     | Helena Vital      |
| Matias   | Gonçalo Fernandes |
| Manel    | Hélio Pereira     |
| Bispo    | David Carvalho    |

|                              |                                    |
|------------------------------|------------------------------------|
| Encenação e espaço cénico    | David Carvalho                     |
| Assistente de encenação      | Bibiana Mota                       |
| Suporte musical              | Fraile Cornudo/Galandun Galundaina |
| Luz e Som/Multimédia         | Pedro Carlos                       |
| Cartaz /Caricaturas          | Santiago                           |
| Produção                     | Cristina Carvalho                  |
| Assistência Geral à Produção | Anita Pizarro                      |
| Arquivo e Documentação       | Maria José Mota                    |
| Comunicação/R. Públicas      | Silvina Lopes                      |

62ª Produção estreada a 10 de Janeiro de 2015  
no Centro Cultural de Macedo de Cavaleiros

Apoio:



SECRETÁRIO DE ESTADO  
DA CULTURA



A minha peça *O saco das nozes* é uma proposta algo diferente e, acredito, algo original na dramaturgia portuguesa, em matéria de teatro de temática popular. Ao escrevê-la, não pretendi, como acontece com certas peças — principalmente algumas datadas dos anos do Estado Novo —, retratar *folcloricamente* a realidade rural, pintando-a de cores suaves mas em geral não correspondentes à realidade.

Por outro lado, tão-pouco pretendi criar um conjunto de quadros épico-didáticos com algo de brechtiano, sobre as lutas do povo contra a opressão, como acontece com muito do teatro surgido e representado nos anos subsequentes ao 25 de Abril. Procurei seguir como que uma terceira via, em que se respeita a cultura popular sem qualquer preocupação folclorista ou revolucionária. A peça está baseada em várias histórias da tradição oral, desenvolvidas por forma a imbricarem umas nas outras, dando como resultado uma história coerente, que se pretende divertida mas também edificante, e naturalmente fantasiosa.

Na verdade, ao reflectir sobre a literatura tradicional, coube-me verificar as enormes potencialidades dramáticas de inúmeros dos seus textos, designadamente contos e anedotas. Quem quisesse deitar mãos à obra teria apenas que seleccionar duas ou três histórias que se pudessem entretecer umas nas outras. Foi o que fiz nesta peça e também numa outra, que ainda está inédita, embora já tenha sido representada, a que chamei *Uma história sem camisa – Mui proveitosa história de el-rei D. Satúrio V e do sapateiro Meias-Solas*. Quero dizer: a matéria-prima foi o povo que me forneceu; a minha parte foi, por assim dizer, um trabalho de carpintaria, procurando o compromisso possível entre a minha liberdade de criador, de que não abro mão, e o respeito pelo fundo cultural popular português. Isto é: dando às personagens a mesma carne e o mesmo osso, a mesma manha ou a mesma bonomia com que surgem nos contos populares, e às situações o mesmo sal, a mesma truculência.

*O saco das nozes* é portanto, desde logo, uma homenagem à cultura popular. Pretende atingir o povo, e em especial o rural, que reage da melhor forma a estes estímulos dramáticos em que é confrontado com as suas raízes. Mas não é menos certo que o público urbano, embora dispondo de horizontes culturais alargados, também reconhece aqui, nestas efabulações só aparentemente ingénuas, qualquer coisa nebulosa que subjaz à sua matriz psíquica. Assim, a peça acaba por ser para todos, afinal. Porque, com mais ou menos voltas da vida e da sorte, com mais ou menos vicissitudes da história, todos somos herdeiros de uma cultura primordial comum.

Mas tem também, embora veladamente, a sua intenção pedagógica. A história central parte do pressuposto de que as mulheres devem ser submissas aos maridos, com base em certos passos da Bíblia (por exemplo, S. Paulo na *Epístola aos Coríntios*, 11, 8-9) tomados à letra. Portanto, trata-se à partida de uma situação de desigualdade de géneros. Mas a evolução dos acontecimentos em cena é no sentido de provar que esse modo de conceber a sociedade está errado. Bem vistas as coisas, e ainda que tácita e ironicamente, a peça acaba por ser um libelo contra a desigualdade entre os géneros defendida por uma certa Igreja e assume-se consequentemente como uma proclamação de que na igualdade entre marido e mulher é que estará afinal a justiça e a harmonia.

Se quiséssemos usar uma terminologia da dialéctica hegeliana, diríamos que a primeira situação — a situação instalada em certa aldeia imaginária, em que as mulheres dominam os maridos — é a *tese*. Sobrevém entretanto um caso particular, de Manel e Cremilde, em que a situação se inverte, e passa a ser o homem a dominar. É a *antítese*. Surge finalmente a *síntese* libertadora, com o reconhecimento, por parte do padre, de que a atitude certa é a harmonia entre os cônjuges.

Tenho o máximo prazer em que as primeiras apresentações desta minha peça por uma companhia profissional (a *Filandorra — Teatro do Nordeste*) tenha lugar em terras que me são muito queridas, ou porque nasci lá ou porque lá vivi — e certamente porque foi lá que aprendi a amar a imensa capacidade do seu povo para se divertir, e ao mesmo tempo edificar, com as histórias que ele próprio inventa.

A. M. Pires Cabral